

Eduardo Mascarenhas\*

**I**mobilismo. Crise de governabilidade. Impasse político. Falta de liderança. Desentendimento nacional. Distância entre discurso e ação. Ausência de projeto. Incompetência gerencial. Desgoverno. Mula-sem-cabeça. Essas e muitas outras expressões equivalentes perambulam pela imprensa, pelas bocas e pelas cabeças pensantes deste país. Não tivesse o dólar baixado e não se falaria de outra coisa.

Um ponto em comum as unifica: todas apontam para a inexistência de uma direção definida; o país parece errático, indefinido. Nenhuma ideia-força consegue se impor, ou conquistar hegemonia.

Nada angustia mais do que essa imobilidade, essa ausência de caminho. Seja ele qual for. Tem gente que secretamente até torce pela hiperinflação. É como se o caos obrigasse a uma ação enérgica com a qual todos concordassem. Uma sinergia dos desesperados.

Outra grande tentação nesse quadro de frustrações generalizadas, com a nação à beira de um ataque de nervos, é cada qual jogar a culpa nos outros. Para alguns a crise é culpa do governo: não fosse o Collor e tudo estaria resolvido. Outros vão mais longe: a culpa é dos políticos — todos salgados e sem ideais. O governo, por sua vez, acusa os empresários cartoriais, o corporativismo dos funcioná-

rios públicos e das estatais, o movimento sindical — denunciado como sindicalismo selvagem. As esquerdas atribuem a responsabilidade ao modelo neoliberal. Os neoliberais ao nacional — estatismo-populista.

Existem os mais proverbiais. Estes preferem sentenças supostamente cheias de sabedoria: em casa que falta pão, todo mundo grita e ninguém tem razão.

Essa “falta de pão”, entretanto, não explica tudo. Até porque em outros países latino-americanos as dificuldades foram semelhantes às nossas e — mal ou bem — eles “tomaram rumo”.

A indecisão brasileira, digna de um Hamlet, não os atingiu. A dúvida paralisante deste príncipe sueco torturado parece fenômeno exclusivamente nosso. E de aparecimento recente, porque até há pouco o Brasil se caracterizava por tomar rápidas decisões: seguia a Argentina, fosse ela para aonde fosse.

O mimetismo brasileiro, desde o Plano Cruzado, chegou a tal ponto que a imprensa batizou-o de “efeito Orloff”, parodiando um famoso anúncio de vodca que concluía com a frase “eu sou você amanhã”.

O que terá acontecido com o Brasil para ter recuado diante do último movimento portenho que demitiu meio mundo, privatizou quase tudo, escancarou os portos e chegou até a extinguir um dos quatro exércitos nacionais? Por que Hamlet e não Orloff?

Para mim a resposta terá de ser buscada no inconsciente nacional, principalmente no que se refere a seus sentimentos diante do Estado brasileiro. A questão não é apenas racional, nem depende somente dos políticos. Os políticos não são “sujeitos” desta História. Pelo contrário, refletem as emoções profundas da nação — seu grau de indecisão e dilaceramento. São porta-vozes das forças inconscientes nacionais. Parecem protagonistas, mas não o são.

Os sentimentos dos brasileiros

## *Os sentimentos dos brasileiros diante do Estado são completamente diferentes dos argentinos. E não é para menos*

diante do Estado são completamente diferentes dos argentinos. E não é para menos.

Afinal que fez o Estado argentino nos últimos 60 anos, com suas políticas econômicas desastrosas, senão empobrecer a nação que iniciou o século como sendo, de longe, a mais rica da América Latina? O Estado brasileiro — apesar dos pesares —

neste período, possibilitou um dos processos de desenvolvimento econômico mais bem-sucedidos do mundo. Poucos foram os países que se industrializaram tão rapidamente quanto o Brasil. Do período Vargas para cá, deixamos de ser um país agrícola para nos tornarmos a oitava economia do planeta.

É verdade que o Estado brasileiro endividou-se até a alma nos anos 70 em função do projeto “Brasil-grande”. Porém também é verdade que parte desta dívida deveu-se às duas crises de petróleo, numa época em que não existia a “Bacia de Campos”. Com a recessão mundial do início dos anos 80, nossas exportações caíram enquanto subiam as taxas de juros internacionais.

Em termos de endividamento externo, o Estado argentino não ficou para trás. De modo nenhum: apesar da Argentina ser auto-suficiente de petróleo, seus governos a endividaram proporcionalmente muito mais do que o Brasil; e não promoveram nenhum processo de industrialização!

Não bastasse esse fracasso na economia, quando a América Latina foi varrida pelo confronto ideológico dos anos 60-70, o Estado argentino estabeleceu uma das mais tenebrosas ditaduras militares, só comparada em bestialidade à ditadura chilena. Ninguém há de esquecer das mães da Praça de Maio à procura de seus filhos desaparecidos, ou do assassinato de adolescentes na Noite do Lápis.

Finalmente, nos anos 80, o Estado argentino foi responsável pela inacreditável aventura das Malvinas, a qual resultou numa das maiores humilhações que pode um povo suportar. Ainda por cima diante da combalida Inglaterra. O machismo portenho foi derrotado por um país decadente governado por uma mulher. Por uma, não, por duas: Thatcher e Elizabeth!

Não dá para esquecer. No inconsciente argentino tudo está registrado. Não há ali vestígio de afeição ou respeito por seu Estado ou por suas Forças Armadas. Privatizar estatais, demitir em massa funcionários, extinguir exércitos tornam-se procedimentos civicamente mais fáceis. Abrir portos, desregular a economia também. Até porque quase não existe um parque industrial a ser protegido.

No inconsciente brasileiro, os valores são outros. Enquanto se tratava de medidas superficiais de congelamento, as decisões podiam ser imediatas. Entretanto, quando se trata de ir mais fundo, somos assaltados pela hesitação. A ameaça de desmantelar o nosso Estado nos atemoriza. Como nos atemoriza tomar medidas que representem possíveis ameaças ao nosso parque industrial.

Todos estamos de acordo que é necessário privatizar, enxugar o Estado, expor a indústria brasileira a maiores graus de competição.

A medida — contudo — qual será a medida?

\* Psicanalista e deputado federal (PDT-RJ)